

# HOMENS E MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO NOS ANOS 2000.

## AS TENDÊNCIAS DE SEGREGAÇÃO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO SE MANTÊM?



**Autores:** Pilar Carvalho Guimarães - graduação em Ciências Sociais IFCH/UNICAMP. Contato: [pilarcarvalhoaguimaraes@gmail.com](mailto:pilarcarvalhoaguimaraes@gmail.com)  
Líliã Montali – orientadora – Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP/UNICAMP). Contato: [lmontali@uol.com.br](mailto:lmontali@uol.com.br)

**Unidade:** NEPP/UNICAMP.

**Agência Financiadora:** CNPq.

**Palavras Chave:** Gênero, Divisão Sexual do Trabalho, Segregação, Posição na Família, Mercado de Trabalho.



### Apresentação

Este projeto de Iniciação Científica está relacionado à segunda etapa do projeto PQ financiado pelo CNPq. Regiões Metropolitanas do Estado de São Paulo: família - trabalho sob a precarização do trabalho e as condições sociais - Anos 2000: efeitos da precarização do trabalho e da ampliação das políticas de transferência de renda sobre as famílias, com vigência de 2008 a 2011, coordenado por Líliã Montali.

No subprojeto de Iniciação Científica, "Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho nos anos 2000. As tendências de segregação e divisão sexual do trabalho se mantêm?" a proposta é investigar, através da análise da composição da força de trabalho nas regiões metropolitanas de Campinas, São Paulo e Santos, como as tendências verificadas nos estudos anteriores para a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho se manifestam nessas regiões metropolitanas paulistas no ano de 2006.

Numa conjuntura de baixo crescimento econômico que se estende da década de 90 até o início dos anos 2000 associada ao processo de reestruturação produtiva, altera-se o padrão de incorporação da força de trabalho. Ocorre a redução de postos de trabalho e aumento do desemprego, bem como reduzem-se bastante os empregos industriais, que eram o principal nicho do emprego formal. Assim, as oportunidades de inserção em trabalhos assalariados regulamentados reduzem-se e cresce a terceirização de serviços. É grande o aumento da precarização do trabalho neste período e do desemprego.

A partir de 2004 observa-se no país a retomada do crescimento da economia e do emprego formal. Os dados analisados por este projeto mostram o perfil do emprego nas regiões metropolitanas paulistas em 2006, portanto na etapa de recuperação mencionada.

### Metodologia

Na análise da força de trabalho por sexo e perfil ocupacional desses trabalhadores foram observados os seguintes indicadores do mercado de trabalho: taxa de participação, taxa de ocupação, taxa de inatividade e taxa de desemprego; a distribuição percentual de homens e mulheres no mercado de trabalho por situação na ocupação, setores de atividade dos ocupados e precariedade do vínculo de emprego.

A hipótese de que as mulheres continuam a ocupar um lugar menos valorizado que os homens no mercado de trabalho faz com que se leve em consideração a teoria da divisão sexual do trabalho e os aspectos sociais da discriminação por gênero, que integram a revisão da literatura.

Por outro lado, foi adotado o suposto que a posição dos componentes familiares no domicílio influencia a forma como homens e mulheres se colocam para o mercado de trabalho. A partir deste suposto é analisada a força de trabalho por posição na família e sua distribuição percentual no mercado de trabalho por posição na ocupação, setores, e precariedade do vínculo de emprego.

Assume-se então o conceito de divisão sexual do trabalho tendo por suposto que esta atua tanto na esfera produtiva, quanto na esfera reprodutiva, definindo lugares para homens e mulheres, tanto em casa quanto no trabalho. Dessa forma o lugar atribuído ao indivíduo na família influenciaria sua inserção no mercado de trabalho. Sob essa perspectiva foram observadas algumas tendências verificadas por estudos anteriores, como maior inserção de homens na indústria e mulheres nos serviços, por exemplo, considerando na análise a posição dos mesmos nas famílias.

### Discussão

As transformações da produção e das formas de vinculação ao mercado de trabalho afetam diferencialmente homens e mulheres. Se tradicionalmente as mulheres têm sido menos protegidas por leis trabalhistas e representação sindical, dentro de um novo modelo das relações de trabalho elas continuam desfavorecidas, ainda que este novo modelo afete homens e mulheres, com a característica do trabalho flexível e precário. E ainda que tenha havido um aumento do emprego feminino, compensando a estagnação do emprego masculino nos anos 90; esse incremento tem se dado na forma de empregos precários e vulneráveis.

A divisão sexual do trabalho é vista como "a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, [como] um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e societalmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado." (KERGOAT e HIRATA, IN: BRUSCHINI, COSTA, HIRATA, SORJ, (Orgs). Mercado de trabalho e Gênero – comparações internacionais, 2008). E ela não se limita à realização de trabalhos diferentes, mas implica em relações assimétricas no nível da hierarquia, qualificação, carreira, e salário. Assim é importante que se pense a divisão sexual do trabalho como uma articulação entre relações de trabalho e relações sociais, práticas de trabalho e práticas sociais.

A discussão sobre a precariedade do vínculo de trabalho traz informações que explicitam a segregação levando-se em conta a teoria da divisão sexual do trabalho e a hipótese da segregação feminina no mercado de trabalho. Historicamente as mulheres ocuparam posições de menor prestígio e à elas sempre foi reservado o lugar da esfera da reprodução, como donas de casa, cuidando dos filhos e da manutenção da família. Ainda que há algum tempo esses valores venham sofrendo transformações, persiste a segmentação entre masculino e feminino e, se existe nas relações sociais, existe no mercado de trabalho e assim há a permanência de nichos ocupacionais femininos e masculinos.

### Considerações

Para a análise realizada neste estudo foi importante a revisão bibliográfica resgatando conceitos de gênero e de divisão sexual do trabalho, conceitos tais que balizaram e direcionaram toda a discussão desta pesquisa de iniciação científica. A hipótese de que as mulheres continuariam a ocupar um lugar menos valorizado no mercado de trabalho foi corroborada pelos dados analisados, que mostraram que apesar do aumento da participação feminina na economia, essas ainda continuam a ocupar posições mais precárias, quando comparadas às ocupações predominantes entre os homens.

Através da análise dos dados referentes à 2006 para as regiões metropolitanas paulistas, verifica-se que apesar de o momento ser sim de recuperação, com queda do desemprego e aumento das taxas de participação e ocupação, algumas características do emprego por sexo sofreram poucas modificações. Merece destaque a maneira diferenciada como homens e mulheres se dispõem a para inserção no mercado de trabalho, de acordo com sua posição na família, bem como as possibilidades de absorção oferecidas pelo mercado de trabalho. Foi observado que as taxas de participação e ocupação masculinas continuam sendo superiores às femininas; enquanto as taxas de desemprego e de inatividade são mais elevadas para as mulheres.

Estes indicadores da participação masculina e feminina no mercado de trabalho evidenciam a maior facilidade de absorção para os homens, apesar da crescente participação das mulheres no mercado. Esse fato é expressão dos valores sociais e individuais vigentes na sociedade, apontando para a concepção tradicional da divisão sexual do trabalho.

Confirmando essa mesma interpretação observa-se a grande participação das mulheres no setor serviços, apontando a constituição deste, que sendo composto por nichos conhecidamente femininos (ramos educacionais, de saúde, alimentação, hospedagem), envolve quase metade das mulheres ocupadas. Além de ganharem menos e terem menores possibilidades de inserção no mercado de trabalho, as mulheres ocupam posições mais precárias e mais da metade das ocupadas não tem vínculo formal de emprego.

As tendências de inserção diferenciada no mercado de trabalho, associadas à posição nos arranjos familiares, não se alteraram praticamente. A análise dos dados referentes a 2006, considerando-se a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho e a posição dos mesmos nas famílias, apresenta mais continuidades do que mudanças. Constatou-se que as taxas de participação e ocupação masculina são superiores às femininas; da mesma forma, chefes e filhos têm maior absorção no mercado do que chefes femininas, filhas e cônjuges.

Os chefes têm também taxas de desemprego inferiores, quando comparadas às cônjuges e chefes femininas, reiterando a histórica atribuição da esfera da reprodução à mulher, distanciando-a, assim, da esfera da produção. Corrobora esse padrão a informação de que metade das cônjuges ainda hoje é inativa. Há alguns anos esse número era muito superior, assim o fato de 50% das cônjuges hoje estar se dispondo ao trabalho pode ser considerado um avanço.

Na distribuição segundo setores de atividade também permanece uma linearidade de tendências anteriores: se chefes e filhos masculinos tinham maior inserção industrial, continuam a ter; em comparação com os demais componentes da família, embora a redução proporcional do emprego do setor industrial. Bem como, permanece a inserção predominante de mulheres cônjuges e mulheres chefes no setor serviços. Dessa forma os nichos se mantiveram. No entanto algumas novas tendências se delinearam, tais como uma mais elevada inserção masculina no setor de serviços e maior inserção das cônjuges nas ocupações industriais.

Mesmo que hoje as barreiras não estejam tão rígidas, elas ainda existem; anos de segregação não se apagam. Assim, as mulheres encontram mais dificuldades na entrada e permanência no mercado de trabalho do que os homens; as mulheres cônjuges e chefes sentem o peso de ser mulher, assumindo maiores responsabilidades domésticas e familiares que tomam seu tempo e dedicação, distanciando-as do trabalho produtivo. As filhas, que têm uma inserção menos precária do que as primeiras, também se dedicam às atividades de cuidado em casa e na família, mas definitivamente esse peso recai principalmente sobre esposas e mães.

No período de recuperação da economia pode-se ressaltar também a volta do crescimento da participação dos jovens no mercado de trabalho, o que acarreta a diminuição do desemprego dos filhos e filhas maiores de 18 anos, considerando-se a posição na família.

Conclui-se ainda que apesar de ser visível o espelhamento dos valores sociais que atribuem o homem ao trabalho e à mulher à família, e da continuidade de algumas segregações hierárquicas, setoriais e ocupacionais, algumas mudanças se acentuam tais como o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, participação ampliada e diversificada e o fato de que as mulheres cada vez mais assumem o papel de provedoras ou co-provedoras da família, acumulando assim várias funções e responsabilidades.